

O GÊNERO TEXTUAL CARTA DO LEITOR SOB A PERSPECTIVA DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO

Marilúcia dos Santos Domingos Striquer¹
Sara Nicacia de Souza²

Resumo: Neste trabalho, nosso objetivo é elaborar um modelo teórico da carta do leitor, a fim de conhecer as especificidades desse gênero, alcançando subsídios necessários para construção, em um outro momento, de instrumentos didáticos que tomem o referido gênero como eixo organizador do ensino da língua portuguesa na educação básica. O arcabouço teórico-metodológico que sustenta nossa pesquisa se centra nos preceitos de Bakhtin (2003), a respeito da definição de gêneros do discurso e de especialistas no gênero carta do leitor (BEZERRA, 2005; PASSOS, 2003; TROUCHE, 2010). Para a construção do modelo teórico utilizamos como ferramenta o Dispositivo didático de gêneros, elaborado por Barros (2012). Nosso *corpus* é formado por um conjunto de cinco exemplares de cartas do leitor publicadas em diferentes mídias: revista Época, Superinteressante e no jornal Folha de São Paulo. Os resultados apontaram o que consideramos algumas das características essenciais do gênero em questão, oportunizando reflexões de quais elementos tomar como objeto de ensino.

Palavras-chave: Gêneros do discurso/textual; Carta do leitor; Interacionismo Sociodiscursivo.

THE READER'S LETTER TEXTUAL GENRE UNDER A PERSPECTIVE OF SOCIODISCURSIVE INTERACTIONISM

Abstract: In this work, our objective is to elaborate a theoretical model of the reader's letter, in order to know the specificities of this genre, reaching the necessary subsidies for the construction, at another, moment, of didactic instruments that take the genre as the organizing axis of language teaching. The theoretical-methodological framework that underlies this research focuses on the precepts of Bakhtin (2003) precepts regarding the definition of discourse genres and specialists in the reader's letter genre (BEZZERRA, 2005; PASSOS, 2003; TROUCHE, 2010). For the construction of the theoretical model we have applied as a tool the Teaching Device of genres developed by Barros (2012). Our corpus is formed by a set of five copies of the reader's letter published on different media: Época magazine, Superinteressante and in the newspaper Folha de São Paulo. The results have pointed out what we have considered some of the essential characteristics of the genre in question, providing reflections on which elements to take as an object of teaching.

Keywords: Discourse/textual genres; Reader's letter; Sociodiscursive Interactionism.

¹Universidade Estadual do Norte do Paraná (marilucia@uenp.edu.br)

²Universidade Estadual do Norte do Paraná (sara.h_2011@hotmail.com)

INTRODUÇÃO

A carta do leitor é, entre os diversos gêneros existentes, sobretudo, entre os que se relacionam com a esfera jornalística, um instrumento para que as pessoas possam expor suas críticas, sugestões e reclamações a respeito dos assuntos e da maneira como os assuntos são apresentados e explorados por jornais, revistas e sítios na internet. Segundo Diniz (2013), esse é um gênero que “apresenta, atualmente, uma diversidade de usos e condições de produção tão complexa quanto as situações comunicativas nas quais ele se insere” (p. 1).

Diante de sua função comunicativa e da complexidade anunciada por Diniz (2013), motivamo-nos em conhecer as especificidades sociocomunicativa, discursivas e linguísticas que caracterizam a carta do leitor. Como professores, é importante que possamos conhecer uma gama variada de gêneros que possam ser tomados como objeto de ensino e aprendizagem em sala de aula.

De acordo com os preceitos da vertente didática do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), para que um conteúdo chegue à sala de aula é essencial que passe antes por processos de transformações e adaptações, a fim de que o conhecimento científico se torne objeto de ensino, isto é, se configure em conhecimento didatizado (BARROS, 2012). Tais processos de transformação e adaptação incluem, na proposta do ISD, a elaboração de um modelo didático do gênero, que é uma ferramenta pela qual é possível verificar os elementos que formam a regularidade de um gênero em estudo; e, a partir disso, a possibilidade de construção de sequências didáticas, conjunto de atividades sistematizadas para o ensino de um gênero.

Contudo, segundo Barros (2012), um modelo didático por ter como princípio apresentar os objetos descritivos e operacionais de um gênero, não necessariamente é preciso aventar apenas o que tomar como objeto de ensino e aprendizagem a partir de sua construção. A defesa de Barros (2012) é a de que,

O modelo do gênero pode ser visto, *a priori*, apenas *teoricamente*, isto é, sua construção não necessitaria levar em conta as *capacidades* dos alunos nem as particularidades do contexto de ensino. Ele pode ser elaborado, a princípio, de forma genérica e servir como base teórica para a elaboração de diversas SD – essas, sim, precisam ser adaptadas a um contexto de ensino específico, uma vez que se configuram ferramentas didáticas que possibilitam a transposição do conhecimento teórico de um gênero para o conhecimento a ser ensinado. (BARROS, 2012, p. 15)



Logo, a autora concebe o modelo didático como um processo de modelização, isto é, é possível primeiro elaborar um modelo teórico, como um suporte para a construção do modelo didático, e depois, então, de sequências didáticas.

Diante desses preceitos, nosso objetivo neste artigo é elaborar um modelo teórico da carta do leitor, a fim de conhecer as especificidades desse gênero, alcançando subsídios necessários para construção, em um outro momento, de instrumentos didáticos (modelo didático do gênero; sequências didáticas) que tomem o referido gênero como eixo organizador do ensino da língua portuguesa na educação básica.

O arcabouço teórico-metodológico que sustenta nossa pesquisa se centra nos preceitos de Bakhtin (2003) a respeito da definição de gêneros do discurso e de especialistas no gênero carta do leitor (BEZZERRA, 2005; PASSOS, 2003; TROUCHE, 2010). Para a construção do modelo teórico utilizamos como ferramenta o Dispositivo didático de gêneros elaborado por Barros (2012). Nosso *corpus* é formado por um conjunto de cinco exemplares da carta do leitor publicadas em diferentes mídias: revista *Época*, *Superinteressante* e no jornal *Folha de São Paulo*.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para ser possível construir um modelo teórico da carta do leitor pautados sobre os preceitos do ISD foi preciso, primeiro, conhecer a definição de gêneros do discurso. A explicação de Marcuschi (2008), estudioso de Bakhtin (2003) (que é o precursor da concepção de gêneros sob a perspectiva interacionista, a qual é a base da corrente teórica do ISD), é a de que existem uma infinidade de gêneros na sociedade, uma vez que eles são criados ou transformados a partir e diante das necessidades comunicativas que variam em cada momento histórico. Nesse sentido, segundo o autor, existem inúmeros gêneros, porque eles estão sempre, essencialmente, vinculados aos campos da atividade humana, isto é, situações comunicativas.

Em decorrência, para Marcuschi (2008), definir gêneros se torna algo bastante complexo, contudo, é certo que a constituição de um gênero está muito mais ligada as suas funções sociocomunicativas do que aos aspectos estruturais e gramaticais que organizam o formato em texto. Por esse motivo, conforme os preceitos bakhtinianos, o estudo de uma língua deve primeiro partir da análise do campo (situação comunicativa) de onde emerge o gênero; segundo, do

entendimento sobre qual é a intenção comunicativa do produtor do texto; e depois dos três elementos que estão indissolivelmente imbricados aos enunciados: o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo.

Bakhtin (2003) discrimina o conteúdo temático como o assunto a ser tratado no texto, o qual está associado ao autor no momento exato da sua enunciação e da situação comunicativa da qual o texto participa, por isso a temática pode ter um valor efêmero justamente por estar acompanhada de um momento histórico determinado. Assim, o conteúdo temático não é apenas o tema em si, mas a valoração que os participantes da interação atribuem ao tema, o momento e o lugar onde a interação acontece, o objetivo, entre outros aspectos que constituem a enunciação.

A construção composicional é um padrão de estrutura que faz progredir o conteúdo temático, formada, segundo Bronckart (2012), pelo: plano geral do texto, pelos tipos de discurso e por sequências tipológicas. O estilo é formado pelo conjunto de escolhas linguísticas que faz o produtor, as quais englobam o léxico, a sintaxe, o tempo verbal, os mecanismos textuais e enunciativos, enfim trata-se da seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, as quais organizam textualmente o discurso.

Bronckart (2012) sugere um detalhamento dos três elementos com a elaboração de alguns procedimentos que podem auxiliar na análise de gêneros: sobre um conjunto de exemplares do gênero de interesse, é preciso analisar o campo da atividade humana na qual o gênero está inserido; a atividade/prática social da qual faz surgir o gênero; as condições de produção: quem é o autor e destinatário e seus papéis sociais na produção do texto, o momento e o lugar de produção, o objetivo da interação; a arquitetura interna do texto: infraestrutura, mecanismos de textualização e enunciativos.

E, a fim de uma didatização desses procedimentos, Barros (2012) construiu um dispositivo para auxiliar o analista/estudioso na modelização de um gênero, o que a autora intitulou de Dispositivo didático de gêneros, o qual consiste em uma tabela que contempla uma sequência de perguntas que direcionam e auxiliam o analista. De acordo com Barros (2012), as respostas, ou seja, os resultados podem orientar na construção de ferramentas como o modelo didático e de sequências didáticas para o ensino e a aprendizagem de gêneros em sala de aula. Para Barros (2012) a modelização é uma prática importante na formação de um professor de línguas, visto que ela pode responder às perguntas “*o que ensinar? Por que ensinar?*” (p. 7 - grifos da autora).

A seguir reproduzimos o dispositivo de Barros (2012) com adaptações requeridas para atender ao nosso objetivo e frente também ao nosso gênero: a carta do leitor:

Quadro 1: Dispositivo didático para a modelização do gênero

Perguntas para direcionar a modelização do gênero
<ul style="list-style-type: none"> • A qual prática social o gênero está vinculado? • É um gênero oral ou escrito? • A qual esfera de comunicação pertence (jornalística, religiosa, publicitária, etc.)? • Quem produz esse gênero (emissor)? • Para quem se dirige (destinatário)? • Qual o papel discursivo do emissor? • Qual o papel discursivo do destinatário? • Com que finalidade /objetivo produz o texto? • Sobre o quê (tema) os textos desse gênero tratam? • Qual o suporte? • Qual o meio de circulação (onde o gênero circula)?
<ul style="list-style-type: none"> • Qual o tipo de discurso? Do expor? Do narrar? • É um expor interativo (escrito em primeira pessoa, se reporta explicitamente ao interlocutor, tenta manter um diálogo mais próximo com o interlocutor, explica o tempo/espço da produção)? • É um expor teórico (não deixa marcas de quem fala, para quem fala, de onde e quando fala)? • Como é a estrutura geral do texto? • Qual o tipo de sequência predominante? Sequência narrativa? Descritiva? Explicativa? Argumentativa? Dialogal? Injuntiva?
<ul style="list-style-type: none"> • Como é feita a coesão verbal? Quais os tempos verbais usados? • Qual a variedade linguística privilegiada? Mais formal? Mais informal? Coloquial? Estereotipada? Respeita a norma culta da língua? Usa gírias? Como se verifica isso no texto? Pelo vocabulário empregado? Pela sintaxe? • Que vozes são frequentes no texto? Do autor? Sociais? De personagens? • De que instâncias advêm essas vozes? Do poder público? Do senso comum? De autoridades científicas?

Fonte: adaptado de Barros (2012).

O MODELO TEÓRICO DA CARTA DO LEITOR

A primeira etapa no processo de modelização é realizar, segundo Bronckart (2012) e Barros (2012), uma pesquisa a respeito do que os especialistas no assunto definem sobre o gênero em questão, no caso, sobre a carta do leitor. Neste sentido, recorreremos aos estudos de Bezerra (2005), Passos (2003) e Trouche (2010).

Conforme Bezerra (2005), a carta é um gênero que serve de meio de comunicação com diferentes finalidades: para um pedido, agradecimento, solicitação de informações, cobrança, intimação, notificação de fatos a familiares, prestação contas, entre outros.

Resultado do aperfeiçoamento da técnica da escrita, as cartas pessoais, as que dão origem a essas muitas outras apontados por Bezerra (2005), existem desde a época em que o homem precisou se comunicar à distância, por isso são tidas como o meio de comunicação verbal mais antigo do mundo. Não se pode dizer ao certo quando a carta surgiu, mas segundo o Correio Popular³ existe documentos que registram cartas escritas no Egito, cerca de 4 mil anos antes da Era Cristã. Naquela época existiam mensageiros encarregados de entregar recados escritos de uma pessoa para outra que estivesse distante. No Brasil, as cartas chegaram há pouco mais de 500 anos, quando Pero Vaz de Caminha ficou encarregado de enviar correspondências ao rei, registrando suas impressões sobre o descobrimento da nova terra. Como primeiro documento escrito na história do Brasil, a carta de Caminha é, de acordo com matéria publicada no Correio Popular, considerada o marco inicial da obra literária do país.

Na contemporaneidade, atestando na prática o que afirma Marcuschi (2008), o desenvolvimento tecnológico e as necessidades comunicativas fizeram com que a carta pessoal sofresse uma série de transformações que deram origem a vários outros gêneros, como as mensagens trocadas por e-mail ou pelas redes sociais, as cartas de reclamação, as cartas comerciais, as de recomendação, o memorando, o ofício, cada qual inserido em um campo da atividade humana e empráticas sociais, com intenções comunicativas diferentes, e, portanto, com estruturas específicas. Nesse contexto, está também a carta do leitor, cuja função sociocomunicativa, conforme Bezerra (2005), é propiciar que

³Disponível em: <http://correio.rac.com.br/acervo/busca.php>. Acesso em 20-04-2017.

seu autor tome algumas atitudes frente ao publicado em um jornal, revista, blog. Para Bezerra (2005) esse gênero,

É um texto utilizado em situação de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, que não se conhecem (o leitor e a equipe da revista/jornal, respectivamente), atendendo a diversos propósitos comunicativos: opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar, entre outros. (p. 210)

No mesmo sentido, para Passos (2003), a carta do leitor pode ser definida como,

Uma carta aberta dirigida a destinatários desconhecidos, veiculada através dos meios de comunicação escrita, de circulação ampla ou restrita, de caráter público, cumprindo importante função social na medida em que possibilita o intercâmbio de informações, ideias, opiniões entre diferentes pessoas de um determinado grupo. (p.81)

E não diferente, Trouche (2010) defende a carta do leitor como “um gênero textual que se organiza em torno de um assunto que, geralmente, faz parte das pautas dos jornais e que, portanto, de alguma forma, representa um interesse despertado na sociedade” (p. 694).

Conhecidos algumas definições, a seguir, expomos os resultados das análises realizadas sobre nosso conjunto de exemplares do gênero que é formado por cinco cartas do leitor: duas cartas da revista *Época*, intituladas: “Gente invisível”⁴ e “Receitas para a inteligência”⁵; duas do jornal *Folha de São Paulo*: “Cracolândia”⁶ e “Governo encurralado”⁷; uma da revista *Superinteressante*: “Cigarrinho do bom”⁸.

A delimitação dos exemplares ocorreu diante do interesse em abordar o gênero publicado em suportes e datas diferentes, buscando conhecer as regularidades do gênero. Assim, a carta da *Superinteressante* é de 31 de

⁴<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT787092-2119-2,00.html>

⁵<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR72170-6062,00.html>

⁶<http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2017/05/1886800-leitores-criticam-acao-de-alcmin-e-doria-na-cracolandia-em-sp.shtml>

⁷<http://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2017/05/1886167-precisamos-de-regras-mais-duras-e-de-uma-nova-geracao-de-politicos-afirma-leitor.shtml>

⁸<https://super.abril.com.br/comportamento/cartas-enviadas-a-super/>

outubro de 2016; as da Folha de S.Paulo, de 22 e 24 de maio de 2017, e as da revista Época são mais antigas, de 2004 e 2005.

t

Iniciamos nossa abordagem pela questão: a qual esfera de comunicação pertence a carta do leitor? As cartas do leitor analisadas pertencem à esfera jornalística, uma vez que publicadas em jornais e revistas foram constituídas dentro do universo do jornalismo; em decorrência, a função social da esfera jornalística é relatar fatos e acontecimentos de interesse de uma comunidade, seja local, regional, mundial; e também opinar sobre temas e acontecimentos relevantes para a sociedade (TROUCHE, 2010).

No caso da carta do leitor, conforme estudos de Trouche (2010), ela faz parte, de forma mais específica, do universo jornalístico opinativo, uma vez que “o discurso da carta do leitor constrói a expectativa de que o público compartilhe com o locutor um conjunto de valores, de crenças e de evidências socialmente valorizadas” (p. 698). Além dessa classificação, Trouche (2010) insere o gênero como pertencente a uma outra esfera, que ele classifica como esfera da cidadania. A justificativa é a de que nesse gênero o locutor está na condição de cidadão quando se torna porta-voz e reflexo da opinião pública ao transmitir uma opinião sobre um fato social. Desse modo, a voz social do locutor está atrelada a realizar:

Denúncias ou de juízos de valor que não possuem força suficiente para abalar o sistema. Todavia, constituem-se em excelentes subsídios para a identificação de um ideal de civilidade, ainda que apenas discursivamente idealizado. O espaço dos leitores seria, pois, um simulacro de atuação democrática, enraizado na cultura, para evidenciar o ‘dever ser’ do lugar comum. (TROUCHE, 2010, p. 165).

O pertencimento de nosso *corpus* à esfera jornalística se confirma pelas cartas estarem publicadas em jornais e revistas, como mencionado, e à esfera da cidadania pela atuação democrática que se instauram nos discursos de seus autores. Por exemplo, na carta de Pereira (Texto 1):

Cracolândia

É absurda a ação na região da cracolândia, cuja autoria governo e prefeitura reivindicam com certo orgulho. A cracolândia não vai acabar enquanto for tratada exclusivamente como um problema criminal, não de saúde pública. A cracolândia é composta por pessoas doentes, que necessitam de tratamento médico, emprego e recuperação, não de tiro, porrada e bomba. Já se fala em demolição de prédios e construção de outros, sempre visando aos interesses de um mercado especulativo.

A autora se posiciona de forma direta sobre a ação do governo do estado realizada na Cracolândia, em São Paulo, de expulsar as pessoas que lá residem. A opinião dela é a de que a ação é “absurda”; e na visão de que as pessoas que moram no local precisam de tratamento médico e não de expulsão com “tiro, porrada e bomba” – conceitos e opiniões que podem representar uma parcela da sociedade que possam ter a mesma visão que Pereira.

Representante ainda das 5 cartas nessa nossa interpretação está a carta de Abdalla (Texto 2). O autor explicita que é fumante, assim, é possível que seu posicionamento frente ao conteúdo temático represente também a opinião de outros fumantes. Expõe o autor do texto 2 que: “o hábito de fumar não causa danos a terceiros na mesma intensidade que uma bebida”. A seguir a transcrição da carta

Cigarrinho do bom

O hábito de fumar não causa danos a terceiros na mesma intensidade que uma bebida. Nunca soube de um caso de uma família destruída porque o marido em pleno porre de cigarro tenha batido em seus familiares. O cigarro causa danos como câncer, necrose e enfarte, mas tudo isso de maneira individual. Fico pensando nos agrotóxicos que consumimos, na gordura da nossa comida, nos caminhões desregulados que jogam toneladas de gás carbônico no nosso ar. E a culpa é do meu cigarro...

Vera Abdalla

Nossos exemplares explicitam o que Touche (2010) alega:

Observa-se nessas cartas, ainda que implicitamente, uma busca de concordância dos leitores em relação a juízos de valor sobre vários aspectos do comportamento social. Nesse sentido, a carta de leitor funciona como um termômetro da visão de mundo de uma parcela pequena, mas constante da população” (p. 702).

Válido destacar que quando a carta do leitor é publicada em revistas juvenis, de fofocas, de narrativas ficcionais, de séries de super-heróis, por exemplo, ela passa a pertencer a uma outra esfera, a do entretenimento. Diante das diferentes situações comunicativas que um mesmo gênero pode participar, Costa (2005) esclarece que a escolha da temática que compõe esse gênero está diretamente atrelada ao público-alvo (homens, mulheres, crianças, jovens ou ainda profissionais de áreas específicas). Os jornais, por exemplo, são compostos de assuntos mais formais, ligados à política, economia, sociedade, inovações tecnológicas de grande repercussão, enquanto que as revistas podem

se dedicar a temas ligados ao esporte, saúde, beleza, economia, ciência. Nessa perspectiva, apresentamos os temas de nosso *corpus*: as cartas publicadas no jornal Folha de São Paulo versam sobre: a ação do governo do estado de São Paulo realizada na Cracolândia (Texto 1- já apresentado); como governa Michel Temer, o presidente da República (Texto 3) – os dois textos estão relacionados, portanto, à política. As cartas publicadas na revista Época abordam temas mais ligados aos padrões de comportamento e sobre pesquisas científicas: a visão de um psicólogo sobre como o comportamento pode estar atrelado ao que as pessoas vestem (Texto 4); construção da inteligência humana (Texto 5). E a carta na revista Superinteressante tem como tema também o comportamento humano frente à questão do tabagismo (Texto 2- já apresentado).

Transcrição das demais cartas:

Texto 3:

Governo encurralado

A função de Temer era apenas preparar o terreno para o próximo governante. Já que agora o governo dele se vê quase impossibilitado de prosseguir, tantas são as denúncias contra vários de seus integrantes, o melhor a fazer é realizar eleições diretas. Deixem que os eleitores decidam quem deve governar o país.

Sérgio Inácio Nunes (Uberlândia, MG)

Texto 4:

Gente invisível

O estudo do psicólogo Fernando Braga é preconceituoso. Como um psicólogo pode acreditar que uma roupa pode significar motivo de invisibilidade ou humilhação? Eu, que sou professora, dou mais valor à individualidade, ao lado interior, que esse psicólogo. A pessoa que veste uniforme e se sente inferior necessita, certamente, de terapia. Não são as pessoas ao redor que fazem o 'uniformizado' sumir, é sim o próprio. Todos vivem é muito apressados. O tema para a pesquisa do psicólogo em questão poderia ser: A importância da autoestima, da aceitação própria, do valor pessoal.

Izabel Demarchi Nunes, São Bernardo do Campo, SP

Texto 5:

Receitas para a inteligência

Complementando a reportagem sobre a inteligência, existe no Brasil um cientista reconhecido no mundo por suas obras, pesquisas e estudos em mais de 40 anos sobre o uso do cérebro sadio. Seu último livro se chama Superinteligência e mostra cientificamente como desenvolver a inteligência e a criatividade. Pelo que li na reportagem, existem lacunas sobre os conhecimentos atuais sobre o cérebro e a inteligência. Como desenvolvê-la? Como chegar à superinteligência? Como a inteligência pode desenvolver as potencialidades humanas? Como conhecer e avaliar o capital intelectual e saber dar valor econômico ao que se sabe?

Pedro Majeau, São José dos Campos, SP

Assim, mesmo que a Superinteressante seja um veículo mais destinado à popularização de pesquisas científicas, sem um caráter eminentemente jornalístico, qualquer um dos 5 temas poderia ser abordado nos referidos suportes. Desde que, evidentemente, o jornal ou a revista tenha divulgado matéria a respeito do assunto, o que é princípio para a produção da carta do leitor.

Sobre a prática social refletida pelo gênero (conforme perguntas direcionadoras do dispositivo de Barros (2012)), a carta do leitor está ligada ao interesse do autor do texto, que também tem o papel de leitor da mídia, de interagir com os meios de comunicação e com os demais leitores do veículo; e, com o mesmo valor, o gênero promove que a mídia possa interagir com seus leitores. Na interação do leitor do veículo/autor da carta com os demais leitores de uma mídia, de acordo com Passos (2003), esse gênero possibilita “o intercâmbio de informações, ideias, opiniões entre diferentes pessoas de um determinado grupo” (p. 81), no caso o grupo de leitores do veículo em específico que publica a carta do leitor. É nesse sentido que para Melo e Rocha (2016) que os leitores recorrem às empresas jornalísticas para que,

[...] estas lhes servirem de porta-voz diante do poder público; participar mais ativamente do mundo em que vivemos através da expressão de opinião e da discussão de assuntos da atualidade; fiscalizar e criticar os próprios jornais, contribuindo para que outros leitores possam refletir sobre o papel da imprensa (MELLO E ROCHA, 2016, p. 136-137).

Práticas que constituem nosso *corpus*, por exemplo, na carta “Gente invisível” (Texto 4), o autor crítica e questiona o posicionamento de um psicólogo ao dizer que as pessoas uniformizadas são ignoradas pela sociedade; a carta “Cérebro” (Texto 5) visa apresentar informações complementares ao que

foi abordado em reportagem sobre desenvolvimento cognitivo; “Cracolândia” (Texto 1) critica o poder público, assim como faz Nunes em “Governo encurralado” (Texto 3); e a carta de Abdalla “Cigarrinho do bom” (Texto 2) apresenta uma opinião a respeito do tabagismo.

Assim, conforme Trouche (2010)

Embora o gênero “carta” permita uma variedade de finalidades: pedido, apresentação, conselho, informações, críticas, comentários, agradecimento, notícias familiares entre tantas outras, a “carta de leitor”, geralmente, constitui-se em uma exposição crítica, quase sempre emotiva, sobre fato de conhecimento público. Essa seção do jornal, por ilustrar o espírito de uma época, lembra, de certo modo, as tiras e as charges que, com sua ironia cortante, comentam a realidade e, nos implícitos, nos mostram, em relação especular, muito de nossas próprias faces (p. 696- grifo do autor).

Sobre a relação de interação que acontece entre a mídia e seus leitores, na prática de receber e publicar a carta do leitor, segundo Mello e Rocha (2016), ela se estabeleceu a partir do entendimento dos meios de comunicação de que o gênero é um instrumento para “manter um relacionamento constante e fiel com os leitores, contribuindo para fazer uma propaganda indireta dos jornais; estabelecer interação entre leitores e clubes de leitores” (p. 136-137). Portanto, o gênero pode ser compreendido com instrumento de publicidade e de conhecimento de que tipo de matéria agrada ou não aos destinatários.

O autor do gênero ocupa, portanto, o papel discursivo (BARROS, 2012) de alguém que discute em seu texto um tema, apresenta críticas, sugestões e provoca reflexões, e com isso colabora com a mídia ao oferecer tais ações de sugerir, criticar, comentar, etc. Logo, as respostas às questões: quem produz esse gênero (emissor)? Qual seu papel discursivo? Quem são os destinatários e o papel discursivo que eles ocupam na interação? (BARROS, 2012) – seguindo a pesquisa de Bezerra (2005), a carta do leitor “configura-se como uma carta com coautoria: o leitor, de quem partiu o texto original, e o jornalista, que o reformulou” (p. 211). Por terem um espaço definido e exclusivo para publicação dentro do jornal e revista, as cartas do leitor passam pela triagem da equipe de editores dos referidos suportes, as escolhidas passam ainda por um processo de edição, momento em que podem ser resumidas, parafraseadas ou mesmo sofrerem com eliminação de informações. Devido ao pouco espaço dedicado às seções, tais medidas são necessárias, porém nesse processo pode acontecer manipulação, já que é permitido aos responsáveis reorganizar o texto,

e, de certa forma, conforme nossa interpretação, censurar os pontos de vista que não estejam em conformidade com as ideologias do jornal ou revista.



Para que a carta do leitor chegue à redação em um formato adequado e padrão, os suportes apresentam instruções. Por exemplo, as instruções da Folha de S.Paulo, divulgadas no site do jornal são:

O “Painel do Leitor” recebe colaborações por e-mail (leitor@grupofolha.com.br), faz (0/xx/11/3223-1644) e correio (al. Barão de Limeira, 425, 4 andar, São Paulo -SP, cep: 01202-900).

As mensagens devem ser concisas e contar nome completo, endereço e telefone. A Folha se reserva o direito de publicar trechos.

Serviço de Atendimento ao Assinante: 0800-775-8080 Grande São Paulo: 0/xx/11 3224-3090

www.cliquefolha.com.br

Ombudsman: 0800-015-9000 ombudsman@uol.com.br

www.folha.com.br/ombudsman⁹

Instruções publicadas no site da revista Época:

Cartas para a redação

As cartas para a redação de ÉPOCA devem ser endereçadas para:
Diretor de redação, ÉPOCA

Caixa postal 66260

CEP 05315-999 - São Paulo,SP

Fax (11) 3767-7010

e-mail: epoca@edglobo.com.br

As cartas devem ser encaminhadas com assinatura, identificação, endereço e telefone do remetente. ÉPOCA reserva-se o direito de selecioná-las e resumi-las para publicação. Mensagens pela internet sem identificação completa serão desconsideradas. Só podem ser incluídas na edição da mesma semana as cartas que chegarem à Redação até as 18 horas da quarta-feira.¹⁰

Instruções publicadas no site da revista Superinteressante:

Fale com a redação

Queremos saber sua opinião sobre a SUPER. Envie seu comentários e sugestões para os contatos abaixo.

E-mail: superleitor@abril.com.br

⁹Disponível em: Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz3004200710.html> Acesso em 01/05/2018.

¹⁰Fonte: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1195603-5588-4,00.html>. Acesso em 01/05/2018.

Endereço: avenida da Nações Unidas, 7221, 20 andar, CEP 05425-902, São Paulo-SP

Redes sociais: facebook; twitter; instagram; youtube

Atendimento: www.abrilsac.com.br. Neste portal, você pode ver todas as datas de entrega das suas revistas, alterar endereço de recebimento e consultar outros serviços. Você também pode conversar com nossa equipe de atendimento pelas redes sociais: facebook, twitter.

Telefones: 11 508702112 - Grande São Paulo. 0800 7752112 - outras localidades.

De segunda a sexta-feira, das 8h às 22h.¹¹

O leitor da revista ou jornal, que passa então à posição de autor da carta, considera sempre seu leitor, assim, de acordo com Passos (2003), esse autor escreve sempre para os demais leitores da mídia, mas considerando também os editores/o processo de editoração que pode sofrer o texto.

O gênero tem, como posto, um espaço reservado para a publicação em jornais e revistas, geralmente, em seções formadas por textos de opinião ou por especificamente cartas do leitor e cartas para o leitor (respostas da mídia para um leitor ou mais leitores). A seção de publicação, geralmente, recebe um título, por exemplo, a seção “Paineldo Leitor”, do jornal Folha de São Paulo, e da seção “Cartas”, da revista Época. Já na Superinteressante o título da seção aparece de maneira mais informal, como constituindo-se um convite além de ser lugar de publicação: “Desabafa, solte o verbo”.

E, sobre o plano geral que forma o folhado textual (BRONCKART, 2012), Bezerra (2005) explica que as cartas são formadas, comumente, por um título, que pode ser o mesmo da matéria que está sendo comentada, criticada na carta do leitor ou um título original dado pelo autor ou até mesmo pelo editor da mídia. Além do título, tem-se a carta propriamente dita e a apresentação do autor: nome, cidade do autor e, pode aparecer a formação acadêmica ou profissional. Como exemplificação, reproduzimos uma das cartas que formam nosso *corpus* das páginas onde elas se encontram:

¹¹Fonte: <https://super.abril.com.br/fale-conosco/>. Acesso em: 01/05/2018.

Figura 1: Reprodução de uma carta publicada na revista Época (Texto 4)

The image shows a screenshot of the Época magazine website. At the top, there is a red header with the magazine's logo and the URL www.epoca.com.br. Below the header, there is a navigation menu with options like 'ASSINE JÁ', 'BOLETIM', and 'FALE CONOSCO'. The main content area is titled 'CARTA DO LEITOR' and contains a letter from Danielle L. de Souza, Valinhos, SP, discussing the concept of invisibility and the impact of uniforms on self-esteem. The letter is signed 'DANIELLE L. DE SOUZA, Valinhos, SP'. To the right of the letter, there is a sidebar with a subscription offer for 'ASSINE ÉPOCA' and a public notice from 'IZABEL DEMARCHI NUNES, São Bernardo do Campo, SP'. The left sidebar contains a navigation menu with categories like 'CONTEÚDO', 'BUSCA', 'CANALIS', 'BOLETIM', and 'SERVIÇOS'.

Fonte: Revista Época¹²

No caso do Texto 1, “Cracolândia”, a informação de que a autora é promotora de justiça aparece junto ao seu nome e sua cidade.

Sobre “qual o tipo de sequência predominante?” (BARROS, 2012), assim como afirma Bezerra (2005), a atestável em nossos exemplares é a sequência argumentativa. Exemplos: no Texto 4: “Gente Invisível”, em que a autora da carta apresenta um ponto de vista de que o estudo apresentado em matéria pela revista é “preconceituoso”, para defender essa opinião são apresentados argumentos direcionados a levar o leitor a compreender que o que faz uma pessoa sumir são os problemas que ela tem com ela mesma, e não o que veste; e que as pessoas podem não prestar atenção nos trabalhadores que usam uniforme devido à pressa do dia a dia que envolve a sociedade. Na carta

¹²Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT787092-2119-2,00.html>. Acesso em 01/05/2018.

“Cracolândia” (Texto 1), os argumentos para defender a ideia de que a ação do governo do estado de São Paulo na expulsão dos moradores da Cracolândia foi “absurda” é a de que o lugar não vai acabar em decorrência da ação realizada; quem vive lá precisa de ajuda médica; a ação ocorreu por interesses que não envolvem a solução do problema em si. E, no texto 2, a autora faz uma crítica irônica ao argumentar que há outras situações que afetam a saúde das pessoas muito mais nocivas do cigarro.

Em consonância com a sequencialidade predominante, o tipo de discurso que caracteriza o gênero relata interativo, marcado pelo o emprego de pronomes e verbos na 1ª pessoa do discurso, no singular. O emprego dessa pessoa do discurso pode ser explicado pelo fato da prática realizada pelo gênero ser o de apresentar a opinião, comentar e sugerir questões, de forma explícita. Exemplos no Quadro 2.

Quadro 2: O emprego da 1ª pessoa do singular como característica do discurso interativo

Texto	Trecho para exemplificação	Marcação da pessoa do discurso empregada
Texto 2 - “Cigarrinho do bom”	“Nunca <u>soube</u> de um caso de uma família destruída porque o marido em pleno porre de cigarro tenha batido em seus familiares”; “ <u>Fico</u> pensando nos agrotóxicos que consumimos, na gordura da nossa comida, nos caminhões desregulados que jogam toneladas de gás carbônico no nosso ar. E a culpa é do meu cigarro...”	1ª pessoa do singular
Texto 4 - “Gente invisível”	“ <u>Eu</u> , que <u>sou</u> professora, <u>dou</u> mais valor à individualidade, ao lado interior, que esse psicólogo”;	1ª pessoa do singular
Texto 5 - “Cérebro”	“Pelo que <u>li</u> na reportagem, existem lacunas sobre os conhecimentos atuais sobre o cérebro e a inteligência”;	1ª pessoa do singular

A respeito de “Qual a variedade linguística privilegiada?” (BARROS, 2012), o que observamos é que o tipo de linguagem está relacionado ao veículo onde a carta está publicada. Sendo as revistas Época e Superinteressante e o



jornal Folha de S. Paulo direcionadas a um público interessado política, problemas sociais, esporte, cultura, ciência, popularização científica e tecnológica, etc., as cartas são produzidas com uma linguagem que pode até ser classificada como um pouco mais formal, com escolhas vocabulares comuns, de fácil compreensão de um público formado por jovens e adultos de diferentes classes econômicas-sociais.

Os verbos na organização dos mecanismos de textualização (BRONCKART, 2012), aparecem, em predominância, no presente. Isso porque conforme a configuração sociocomunicativa do gênero, ele requer um discurso que demonstre que o conteúdo da carta está em aproximação com uma matéria divulgada. A opinião, a crítica o comentário do autor é apresentado no tempo presente: Texto 4: “Eu, que sou professora, dou mais valor à individualidade, ao lado interior, que esse psicólogo”; Texto 5: “Complementando a reportagem sobre a inteligência, existe no Brasil um cientista reconhecido no mundo por suas obras, pesquisas e estudos em mais de 40 anos sobre o uso do cérebro sadio.”; Texto 1: “É absurda a ação na região da Cracolândia, cuja autoria governo e prefeitura reivindicam com certo orgulho”; Texto 3: “Já que agora o governo dele se vê quase impossibilitado de prosseguir, tantas são as denúncias contra vários de seus integrantes, o melhor a fazer é realizar eleições diretas”.

Como vimos e novamente destacamos, a carta do leitor é um gênero de essência opinativa, em que o leitor precisa expressar sua qualificação crítica acerca de acontecimentos reais e de ideias presentes em outros textos. Por isso, a voz que predomina seu discurso é a do próprio autor da carta. No entanto, por sofrer alterações, as reais intenções do leitor podem não ser preservadas. Sendo assim, nos cabe questionar se o que se publica na seção carta do leitor realmente equivale ao discurso dos autores/leitores, em essência. De acordo com Alves Filho (2011), é importante ressaltar que no processo de escolha das mais diversas cartas recebidas pelo editor ganha preferência aquela que sintetiza a ideia de muitas outras cartas. Em função disso, podemos considerar também que outra voz frequente nesse gênero é a social, por representar a principal percepção que prevalece na sociedade. Geralmente as cartas apresentam apenas o nome do leitor e o local de residência. São raras as vezes em aparecem informações sobre a formação ou profissão, como é o caso da carta “Cracolândia” (texto 1), em que a Cinthia Gonçalves Pereira, apresenta uma opinião mais influente e com formação reconhecida socialmente. Assim, por ser promotora de Justiça, sua carta informa também a profissão. Contudo, é importante ressaltar que a maioria das cartas advém de pessoas de classes sociais, faixa etária, nível de escolaridade e profissão diferentes, por isso,

algumas vezes pode não haver relação nenhuma entre o tema abordado e posição enunciativa do locutor. Visto isso, podemos considerar também que a maioria das cartas partem do senso comum.

Alves Filho (2011) ainda aponta outra problemática: quando o suporte da carta do leitor traz apenas cartas elogiosas, levantando o uso de adjetivos e expressões valorativas, é necessário contestar se elas estão sendo usadas para possibilitar a opinião dos leitores ou apenas para promover a qualidade das matérias e/ou do veículo de informação. Isso é muito grave, visto que, mesmo com o avanço de outros suportes tecnológicos, a mídia impressa ainda exerce grande influência na formação de valores, ideologias e comportamentos. Por isso, é importante que os educadores desenvolvam estratégias de leitura crítica dos gêneros jornalísticos e midiáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Alves Filho (2011), hoje os jornais recebem muito mais cartas do que há 20 anos quando era necessário enviá-las pelo correio. Atualmente, as cartas podem ser enviadas via correio eletrônico, por isso o gênero que antes era considerado um passatempo para aposentados, passou a ser mais valorizado tanto pelos jovens, que almejam representatividade em um espaço de expressão pública de opinião, quanto pelos jornais revistas, cujo interesse é se aproximar da opinião de seu público: os leitores. Desse modo, “o leitor é convidado a participar mais intensamente do processo de comunicação, podendo exercer papel de comentarista, gerador de pautas e mesmo de redator de matérias” (ALVES FILHO, 2011, p. 128). Diante de tudo isso, ao observar os espaços reservados para a publicação das cartas nos deparamos com apenas meia página (mesmo espaço desde a criação da carta do leitor) dentre as 20 nos jornais ou até mais de 60 nas revistas. Visto isso, podemos afirmar que uma das principais finalidades da carta, que é a aproximação entre revistas e jornais do público leitor, se torna contraditória, pois ao mesmo tempo em que a carta do leitor se tornou mais relevante no decorrer do tempo, o espaço continuou o mesmo. O que compreendemos é que o espaço de publicação deveria ser proporcional as transformações da sociedade, com a ampliação do espaço de publicação.

E de forma mais pontual, os resultados de nossas análises demonstram alguns elementos característicos do gênero muito importantes, conforme apontados na seção anterior. Os quais resultam em um modelo teórico do gênero. Assim, ao identificarmos as especificidades características do gênero é

possível, a partir do encontrado, elaborarmos um planejamento para o ensino do gênero em sala de aula, entendendo que é necessário que os gêneros, fruto das práticas sociais de linguagem, sejam reconhecidos como uma fonte abundante a ser explorada para despertar e encorajar nossos alunos a intervir na realidade que os cercam e saber adequar as mais diversas formas de expressão as intenções comunicativas.

REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, Francisco. *Gêneros Jornalísticos: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental*. Coleção trabalhando com ...na escola. São Paulo: Cortez, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução do francês por Maria Ermantina Pereira. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, Eliana Merlin Deganutti. Transposição didática externa: A modelização do gênero na pesquisa colaborativa. *Revista Raído*. Dourados: UFMS. v. 6, n. 11, p 11 - 35, jan./jun. 2012.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Por que cartas do leitor na sala de aula? In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. 2ª ed. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC, 2012.
- COSTA, Solange Garrido da. Cartas de leitores: gênero discursivo porta-voz, porta voz de queixa, crítica e denúncia do jornal O Dia. *Soletras - Revista do Departamento de Letras da UERJ*, n. 10, 2005, p. 28-41.
- DINIZ, Patrícia Souza. Dinamicidade e circulação do gênero carta do leitor. *Anais do SILEL - Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística*. Volume 3, Número 1. Uberlândia: UFMG, 2013. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1808.pdf>. Acesso em: 20 jul 2017.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008



MELO, Bárbara Olímpia Ramos de. ROCHA, Antônia Cláudia de Carvalho. Carta do leitor: análise de elementos da argumentação em textos produzidos por alunos do ensino fundamental. *Revista das letras: UFC*. n.º. 35 - vol. (2) - jul./dez. - 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/19338>. Acesso em: 01 ago 2017.

PASSOS, Maria Teixeira Veloso dos. As cartas do leitor nas revistas Nova Escola e Educação. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Normanda da Silva. (orgs.) *Tecendo textos, construindo experiências*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003

TROUCHE, Lygia Maria Gonçalves. Cartas do leitor: a construção de ethos como espelho da cidadania. UERJ: Instituto das letras. *Cadernos do CNLF*, Volume XIV, n.º 4 - [Anais do XIV CNLF \(TOMO 1\)](#). P. 692-704. 2010. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/692-704.pdf. Acesso em: 15 jul 2017.

Recebido em 03/01/2019

Aprovado em 11/11/2019